

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *Judeismo!* pelo ex.^{mo} snr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *Atheu*, pelo ex.^{mo} snr. José Maria Guerreiro. — SECÇÃO HISTORICA: *Um cego curado em Lourdes* (tradução do *Univers*); — *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo r.^v.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã* (2.^a parte) pelo rav.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — *Vinte e um sonetos*, pelo ex.^{mo} snr. J. P. Mineiro; — *A mulher*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Os judeus sacrificam aos idolos*; — *Santa Hedwiges, viuva*. — RETROSPECTO.

Gravuras: *Os judeus sacrificam aos idolos*; — *Santa Hedwiges, viuva*.



OS JUDEUS SACRIFICAM AOS IDOLOS

SECÇÃO DOUTRINAL

Judeismo!

HA judeus e judeisantes, e são estas duas especies de entidades que fazem e sustentam essa politica que se acha governando as nações e mui especialmente algumas d'estas. O dinheiro está nas mãos dos judeus e é d'estes que a pecunia passa para os judeisantes, embora aquelles não dêem todo o seu a estes, e o que lhes dão reverte com usura aos prestamistas; os governos, porque desgovernos, acham-se debaixo do captivo do judeismo, este por seu interesse serve-se da imprensa periodica qual órgão da sua cobiça, e tem-n'a ás suas ordens mais ou menos, excepto a imprensa decididamente catholica. A revolução sem o dinheiro judaico era insustentavel.

Foi o judeismo que fez a educação financeira moderna, e inventou a sociedade anonyma para debaixo d'esta capa ser feita toda essa patifaria de especulações egoistas e cubicasas; d'elle nasceu a Escola Economica Moderna abstracta da moral e que proclamou o principio seu sustentando: que o dinheiro era uma mercadoria e assim poder fugir ás leis que regulavam com justiça e prudencia o preço dos juros, e d'aquelle modo dar toda a liberdade á usura, que tão variadas formas reveste modernamente.

O judeismo impera na sociedade que dá culto, e o está dando, ao bezerro de ouro.

Para que se veja qual é a influencia e a pressão do judeismo n'estes tempos modernos, citemos outro facto. E' sabido quanto na Inglaterra é difficil alterar a velha legislação; pois teve força para tal o judeismo e em materia gravissima; pela lei ingleza nenhum legislador pôde tomar assento em côrtes ou parlamento sem que primeiro tenha jurado sobre os santos Evangelhos; ora os judeus negam-se a tal exigencia e como carecesse do dinheiro judaico a Grã-Bretanha official, e por isto lhe fosse mister lisongear a judeus poderosos em pecunia, o governo britânico preparou as cousas de modo a serem dispensados do juramento os judeus que se propozessem entrar no parlamento; por este foi approved o Bill d'aquella dispensa, e adoptada uma formula, em lugar do juramento para que os judeus podessem ser legisladores ingleses! Foi a maior victoria do judeismo, attentas todas as circumstancias relativas. Agora apparece de novo a ideia judaica que ha annos appareceu, mas sem resultado, como de novo não o terá; a

ideia ou projecto foi então e é agora o formar na Palestina um povo unido compondo e formando nação assim unida e contrariando a sentença divina que condemnou a nação judaica á dispersão por sua perfidia, e tirar o valor prophetic que se está realisando sobre os judeus; é desafio judaico á verdade christã, que não pôde ser vencida, nem por todos que são potentados da terra!

Não se cuide que o fervor judaico é hoje ardente, pois que é grande agora o indifferentismo dos judeus em materia de religião, mas sempre perfidos em negar a verdade da vinda do Messias, já realisada na pessoa de Nosso Senhor Jesus Christo. Principalmente a Europa está debaixo, em seu viver civico-politico-social, do captivo judaico, pois que é o judeismo que lhe fornece o dinheiro, directa ou indirectamente, como já fica dito.

E' pelos casamentos que o judeismo exerce tambem sua intromissão na sociedade moderna, formando grandes dotes a donzellas que acceitam noivos de familias decalidas não judeias; nas familias christãs tinha-se como um brasão não ter havido nem haver n'ellas judeus; hoje não é rarissimo darem-se casamentos entre christãos e judeus, que aliás não se podem realizar sem dispensa de Sua Santidade para que sejam tidos como legitimados pela Santa Sé que avalia as circumstancias que lhe são expostas, e determina as condições para que se possa realizar o casamento em projecto. Roma pontificia nunca transige, concede só o que pôde conceder. Acontece, que nem sempre os judeisantes deixam de ser peores que os judeus; estes invocam como lei vigente uma lei que o foi: *O Velho Testamento*; aquelles não confessam ser nem do *Velho* nem do *Novo Testamento*, são uma gente mais ou menos indifferentista em materia de religião.

O judeismo está em alliança com a maçonaria e a revolução na guerra de combate á Igreja de Deus.

Os judeus de então crucificaram o divino Redemptor; os judeus d'agora com os mações e os revolucionarios o crucificariam de novo se podessem; vontade não lhes falta para o novo deicidio, dando-lhe mesmo um caracter legal com um processo e outro juiz Poncio Pilatos; a mentira é capaz de tudo que é mal, e os homens vendidos ao diabo são capazes de ir em maus desejos até ao deicidio.

A mentira mais monstruosa n'estes tempos foi a que affirmou e passou legalmente *secundum Revolutionem*: «que o palacio do Quirinal em Roma não era do Papa, mas propriedade nacional italianaissima.» O palacio do Quirinal que os Papas habitaram sempre como seu n'uma parte do anno, e onde se verifi-

cava o conclave em *sede vacante* para ser eleito o novo Papa; ora quem julgou assim poderia de novo acceitar o «*crucifige, crucifige eum!*»

Os judeus enquanto judeus são sempre judeus e os judeisantes vão-lhes no rastro. Não ha perfidia que exceda os perfidos judeus, transmissores dos judeisantes.

A influencia judaica é o cancro na sociedade civil moderna, e nem esta merece outra cousa; parecendo triumphante está sendo castigada por as mãos de homens, cujos castigos são os mais acerbos; os homens castigam sem amor, Deus castiga com misericordia e por misericordia; *harmonia divina!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

Atheu

ESTE é o que mente á sua consciencia, por que esta muitas vezes lhe tem batido á porta ruminando-lhe a existencia do Auctor da natureza e que Esse auctor é Deus.

Na verdade o maior louco é o que mente contra a sua consciencia. Os seus argumentos são suggeridos pelo diabo.

O mais rustico atheu conhece que não ha effeito sem causa.

Existem edificios, vapores de mar e terra, a linha electrica e mais obras, porque tiveram os seus auctores.

Onde foram elles procurar a materia prima para suas construcções? A' natureza.

E o que é a natureza? E' um conjunto de leis admiraveis quo regem o mundo que habitamos.

Dir-me-heis que o mundo e suas leis appareceram desde um principio ao acaso?

Acaso é um concurso de circumstancias fortuitas que produzem um effeito... o que todavia nada explica. Segue-se como consequencia necessaria que alguém devia ser. E quem é Esse alguém senão o Auctor da natureza, um Ente supremo creador de tudo quanto existe?! Logo todos os architectos dependem da materia prima para architectarem e edificarem as suas obras como dependem do Supremo Architecto da natureza.

Não ha muitos annos que li um escripto d'um atheu no qual elle pretendia fazer acreditar que as ondas do mar trouxeram certa herba do fundo d'elle para a terra e d'ella se formara a familia dos macacos, da qual especie o homem é o mais perfeito. E que foi por

esta forma que se povoou o mundo e não por Adão e Eva, que tudo quanto diz a Escripura Sagrada é pura invenção do homem.

Pelo que diz este atheu se vê qual é o alcance onde elle quer chegar. Perguntaremos a este atheu:

E quem formou essas hervas, essas ondas, a terra, todos os animaes e tudo mais quando essa familia ainda não existia?... não seria o Auctor da natureza—Deus?

Tal scepticismo não tem commentarios... por si mesmo cahe por terra.

E' necessario que o auctor de tal escripto perdesse a luz da razão e da intima consciencia. Não respeitar a auctoridade da Escripura Sagrada só um mentecapto é capaz d'isso! E' bem digno de lastima!

O diabosenhôr de suas faculdades sugere-lhe todos os raciocinios erroneos.

O atheu, por que tem os olhos da intelligencia fechados, não vê que todas as religiões acreditam n'um Ser Supremo ainda que o designem por nomes diversos?

Algumas religiões, ainda que falsas, acreditam na Trindade Santissima.

Lembra-me ter lido em certo escripto vernaculo que em certa nação estrangeira os povos que não professam a religião de Christo, já no campo, já nas suas habitações no dia 24 de dezembro, da meia noite para a uma da noite do dia 25, se prostram de joelhos e beijando o chão, assim adoram o nascimento do Filho de Deus! Quem quizer saber muito mais a tal respeito leia os costumes dos romanos.

No seculo actual o atheismo campêa infrene... infelizmente.

Na cidade d'onde sou oriundo raras vezes vejo na Missa ou Confissão um ou dois cavalheiros que vivem á moderna.

Se o atheu não crê em Deus, como quererá elle que os homens crêam n'elle? O athen substituiu a caridade pela philantropia. Ora sendo esta o amor do homem pelo homem, já se vê que Deus fica de parte.

Só engolfados nas cousas do mundo é que fazem o bem e dos homens esperam a recompensa, segue-se como consequencia immediata que a sua missão termina com a morte.

Para a philantropia chegar á altura da caridade é necessario impregnar-se do sentimento religioso que lhe falta. A caridade é o amor de Deus. Ora sendo a caridade filha do céo, é lá que tem a devida recompensa quem a pratica na terra.

O atheu não crê nas durações de sempiternidade, eternidade e tempo.

Sempiternidade é a duração que se dá em Deus que não teve principio nem fim.

A segunda dá-se na alma humana, uma das substancias de que é formada ao gerar-se no ventre da mãe.

A terceira dá-se no corpo humano, tendo tambem principio ao gerar-se e termina com a separação da alma do corpo.

O atheu, porém, nega a primeira e a segunda, admitindo unicamente a duração de tempo como se o homem fosse um animal immundo. Eis a doutrina do atheu.

Se este não acredita na existencia de Deus quem poderá acreditar n'elle? Impossivel.

Se elle não teme a justiça divina, como poderá temer a justiça dos homens?... logo o atheu é o peor homem da sociedade; finalmente deve-se fugir d'elle como o diabo foge da cruz.

Se o atheu não crê em Deus, como poderá acreditar no milagre?

Milagre é tudo quanto excede as forças da natureza. Não poderá o Supremo Architecto exceder as leis que regem o globo que habitamos?

Veja-se a guerra damnada que o atheu tem feito aos milagres da Senhora de Lourdes, pretendendo com a mentira provar que a agua da piscina tem particulas medicinaes e que é a agua e não o milagre que opera as curas, quando os homens mais peritos, analysando as particulas da referida piscina, não as encontram medicinaes. Já se vê, pois, que investigada a verdade o atheu fica desarmado.

Por outro lado temos lido immensos attestados de medicos da França, que tendo tratado muitas doenças e esgotado a medicina, não lhe dão cura e que tendo ido á piscina da Senhora de Lourdes tornam essas pessoas para suas casas. perfeitamente curadas. Estes attestados dos medicos são evidentes provas da existencia de taes milagres.

Quem fórma o atheu é a doutrina dos maçons ou pedreiros-livres e jacobinos. Vamos dizer alguma coisa do que são e juramentos que prestam nas infernaes seitas:

«O que são—o que fazem—o que querem. Por Mgr. de Segur (continuado do n.º 63) VIII: O juramento.

Antes de prestar o juramento, ha ainda uma pequena cerimonia.

O neophyto, com os olhos ainda cobertos com a venda, «é conduzido ao altar dos juramentos» onde se ajoelha, enquanto que o Ir. . . Mestre de ceremonias lhe applica sobre o seio esquerdo a ponta de um compasso. Sobre o altar ha uma Biblia aberta, e sobre a Biblia uma espada flammejante.

«Em pé e á ordem, meus irmãos, exclama o Veneravel; o neophito vae prestar o juramento terrivel». Terrivel

effectivamente; agora cessa a brincadeira e apparece a verdadeira Maçonaria. Todos os assis entes se levantam, tiram suas espadas, e o postulante presta o impio juramento que vae lêr-se:

«Juro em nome do Architecto Supremo de todos os mundos, nunca revelar os segredos, os signaes, os toques, as palavras, as doutrinas e os usos dos Pedreiros-Livres, e guardar sobre isto um silencio eterno. Prometto e juro a Deus nunca trahir cousa alguma nem pela penna, nem por signaes, nem por palavras nem por gestos; nunca mandar escrever, nem lithographar, nem imprimir cousa alguma d'estas; nunca publicar coisa alguma d'aquillo que me foi confiado até este momento e d'aquillo que de futuro ainda fôr. Obrigo-me e submetto-me á pena seguinte se eu faltar á minha palavra: Que me queimem os beiços com um ferro em brazier, que me cortem a mão, que me arranquem a lingua, que me degolem; que meu cadaver seja pendurado em Loja durante o trabalho da admissão de um novo Irmão, para ser o ferrete da minha infidelidade e o terror dos outros; que se queime depois e que se lancem as cinzas ao vento, afim de que não reste vestigio algum da memoria da minha traição. Tão verdade como Deus me ajude e seu santo Evangelho. Assim seja.»

Estes desgraçados mettem assim o nome de Deus e do Evangelho em seus juramentos detestaveis, e se entregam, com os pés e os pulsos agrilhoados, a um poder occulto que elles não conhecem, que jámais conhecerão; que lhes ordenará que assassinem, e forçoso será que assassinem; que lhes ordenará que violem as leis divinas e humanas, e, se elles não obedecerem, forçoso lhes será que morram! Um homem de bem, na excepção mais vulgar d'esta palavra, pode elle, pergunto eu, prestar juramento de Pedreiro-Livre?

Depois do juramento, o postulante é reconduzido para entre as duas columnas. Todos os Irmãos (que irmãos!) vem collocar-se em circulo em volta d'elle e dirigem sobre elles suas espadas desembainhadas «de sorte que elle seja como um centro d'onde partissem raios.» O Mestre de ceremonias, collocado por detraz, se prepara para lhe tirar a venda, enquanto que um outro Irmão, collocado por diante, aproxima ao nariz do desgraçado neophyto a alampada e o pó inflammavel que já serviram para as chammas purificatorias. E' a charlataneria que torna a começar.

«Julgas tu este aspirante digno de ser admittido entre nós? pergunta então o Veneravel ao Ir. . . Primeiro-Vigilante. «Sim, Veneravel», responde o outro—«Que pedes tu para elle?»—

«A luz». E o Veneravel com um tom solenne: «Que a luz seja».

A' terceira pancada a venda cahe, o pó se inflamma e o neophyto deslumbrado não vê mais do que fogo.

Depois, com grande contentamento seu, vê as espadas desembainhadas dirigidas sobre seu peito, e todos os seus excellentes Irmãos—exclamam simultaneamente:

«Puna Deus o traidor!»

«Não temas, meu Irmão, continua o Veneravel: nada receies das espadas que estão voltadas sobre ti. Ellas não são ameaçadoras se não para os prejuros. Se tu fores fiel á Maçonaria, como temos motivo de o esperar, estas espadas serão sempre promptas em defenderte. Se pelo contrario tu viesses a trahir, nenhum logar da terra te offereceria abrigo contra estas armas vingadoras.»

Por ordem sua tornam a levar o novo Irmão ao altar; de novo o fazem pôr de joelhos deante de que? e o Veneravel tomando de sobre o altar (o altar de quem?) a espada flammejante põe a ponta da mesma sobre a cabeça do novo Irmão, e o consagra Aprendiz-Pedreiro, dizendo-lhe: «Em nome do grande Architecto do universo, e em virtude dos poderes que me foram confiados, en te faço e constituo Aprendiz-Pedreiro e membro d'esta respeitavel Loja.» Depois fazendo levantar o novo adepto, o cinge com um avental de pelle branca, dá-lhe um par de luvas tambem brancas que o Pedreiro deve trazer na Loja como um emblema da sua innocencia!!! e, quer seja casado ou não, um par de luvas de mulher, que elle deve offerecer áquella que elle estimar mais.» Nós veremos em breve que ha Pedreiros-Livres, e que o culto das mulheres está longe de ser proscripto entre esses puros filhos do grande Architecto de todos os mundos. Finalmente o Veneravel revela ao novo Aprendiz os signaes, palavras de senha, e segredos particulares a seu grão e lhe dá o triplice osculo paterno. Não sei quaes podem ser estes segredos particulares; porque segundo o Ritual da Loja Mãe dos Tres Globos (*sic*) se diz expressamente que, não se dê ao Aprendiz mais que insinuações, nunca uma explicação completa; porque o mais pequeno ponto não poderia ser inteiramente explicado e comprehendido sem fazer comprehender o todo.

Como quer que seja, a iniciação é proclamada, toda a Loja applaude e o novo Pedreiro, tendo tornado a tomar as suas vestes, é installado no seu logar. O I. . . Orador lhe dirige um discurso que remata esta phantasmagoria sacrilega.»

Da *União Catholica*, l. 2.º

Para não enfastiar a paciencia do leitor ficamos por aqui.

Faro.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

SECÇÃO HISTORICA

Um cego curado em Lourdes

(TRADUÇÃO DO «UNIVERS»)

APENAS cheguei a Lourdes, ha tres semanas, perguntou-me alguém: «—Já viu o cego que acaba de ser curado? Deve ir vel-o; é um caso algo interessante.

«A' noite o zeloso e devotado Conego que tinha Aubert na sua secção do hospital da Salvação, disse-me:

«—Venha ver o meu 71; se o que elle lhe narrar o deixar indifferente, ficarei muito admirado.

«Descemos ambos.

«A' entrada da sala pude admirar Poirier no exercicio das suas funcções d'enfermeiro, nas quaes emprega uma habilidade e dedicação infatigaveis.

«Depressa me encontrei junto do 71, o qual, assentado na extremidade d'um colchão posto em terra, terminava uma modesta ceia. Era homem d'uns 40 annos, cujo rosto mostrava signaes evidentes de fadiga e das intemperies soffridas; o bigode louro, como o cabello, descaído; physionomia intelligente e boa; palavra facil, com um assento semelhante ao dos de Berry.

«Dos seus olhos, um, o direito, estava completamente fechado; uma especie de cicatriz, uma linha d'um vermello vivo atravessava-o em toda a sua largura; o outro, d'um azul claro, estava francamente aberto e olhava-me com uma expressão natural e uma perfeita pureza.

«O bom homem começou a sua historia, que foi longa, mas não enfadonha. Não foi possivel acabal-a n'aquelle dia: terminou-a dois dias depois.

«Não posso contar-a já aqui senão muito resumidamente.

«Aubert tem 43 annos. Casou ha cerca de 14 annos e é chefe de familia, tendo sido operario curtidor em Nièvre. Um dia, quando transportava um garrafão com acido nitrico, o garrafão caiu ao chão e partiu-se e o liquido corrosivo, saltando-lhe aos olhos, queimou-lh'os, ficando Aubert cego. Durante um anno ou dois a cegueira não foi absoluta, e podia caminhar só. Consultou muitos medicos e soffreu diversos tratamentos. O unico resultado que obteve foi a perda total do olho direito.

«Na minha presença levantou, com

os dedos, a palpebra do olho direito, e viu-se então uma especie de residio de uma materia turva e amarelenta.

«O olho esquerdo não lhe desappareceu; mas quando o collocavam em frente do sol, Aubert via apenas como «uma claridade». Era a cegueira completa. Era, d'um só golpe, a negra miseria para o desgraçado, para sua esposa e filhos.

«Aquelles que são favorecidos com os bens da fortuna, ainda que muito mortificados pela dôr physica ou moral, não suspeitam sequer o que é a desgraça, quando a esse duplo soffrimento vem juntar-se os cuidados da vida material, o cuidado de um abrigo, o cuidado do pão quotidiano para si, e sobretudo para os que se amam, para aquellos pelos quaes se é responsavel e que só confiam em nós: uma mulher e quatro miseras creanças. Aubert tem quatro filhos.

«E' isto, em todo o seu horror realista e despido de todo o ornato litterario, a lucta pela vida.

«Essa lucta de todos os dias e de todos os instantes, foi a vida de Aubert durante esses 14 annos. E quando fala d'ella, quando fala sobretudo dos seus e de tudo quanto elles soffreram com elle, chora e soluça; e, por vezes, ven o as lagrimas correr-lhe dos olhos e d'aquelle mesmo que não sabia dar-lhe mais que aquellas lagrimas; vendo-as jorrar sobre esse rosto animado pelo soffrimento, eu quiz interrompelo.

«—Não chore, lhe disse eu; isso far-lhe-ha mal, e cansará o olho que acaba de recuperar».

«—Que quer, me respondeu; é mais forte do que eu, senhor; quando me lembro de tudo quanto passei, a commoção suffoca-me.»

«Que fazer? Visitavam-no a miude os pensamentos de desespero. Mas, nos peores momentos, as palavras de sua mãe vinham-lhe ao espirito. Quando elle a deixou, tendo pouco mais ou menos dezoito annos para ganhar a vida, ella dissera-lhe no ultimo momento: «Succeda o que te succeder, não te esqueças que Deus existe». Este pensamento o amparava e ajudava-o a supportar a sua vida desgraçada.

«Tinha um pouco de voz: fez-se cantor ambulante. Mesmo para adquirir a licença necessaria para exercer esse mister, teve que luctar com bastantes obstaculos; a sociedade em geral, e sobretudo a sociedade administrativa e burocratica, não é terna para com os que não teem cinco reis, e não ha maior miseria para o indigente honesto do que ver incessantemente que suspeitam da sua honestidade. Por fim obteve a licença.

«E eil-o cantor improvisado, andan-

do por montes e vales, percorrendo ruas e caminhos, de villa em villa, de cidade em cidade, dormindo muitas vezes com sua familia ao ar livre, mesmo durante o inverno. Com o tempo, pôde adquirir um pequeno carro, um miseravel burro para o puxar e um pobre cão.

«Foi d'este modo que elle percorreu, durante annos, o centro e o norte da França, ajudado por uns, repellido por outros, desdenhado ou despresado por quasi todos.

«Qual de nós tem alguma vez pensado em interessar-se por essa gente e penetrar o segredo da sua vida e da sua miseria?

«A vida de Aubert tornou-se então uma verdadeira odysseia. Para a descrever seria necessario uma condessa de Ségur, auctora de tantos livros que teem impressionado a nossa infancia; n'essas narrações ha ainda uns raios de sol; ha n'ellas logar para o riso e para a alegria; na vida de Aubert não ha nada d'isso: as creanças que lerem estas linhas e os homens que se lembrarem de ter sido creanças, comprehender-me-hão quando eu lhes disser que só o auctor da *Casa volante* poderia descrever, na sua terrivel realidade, em doze annos de luta contra a miseria, a fome, o frio, a chuva e a neve, todas as attribuições e todas as angustias provenientes dos elementos e das estações, dos homens e das coisas. Mas «Deus existe».

«Não esse Deus vago, que muitos quereriam chamar o acaso; mas o Deus vivo que sua mãe lhe tinha ensinado a conhecer, o Deus da prece e do Rosario. No seu abysmo de misérias, uma unica miseria, a peor de todas, tinha sido poupada a esse paria; elle guardava o thesouro que mais d'um rico lhe invejaria: conservava a fé e a esperanza. Orava; e os outros mendigos, muitas vezes victimas da incredulidade, faziam do seu Rosario e dos seus Padre Nossos objecto de zombaria. Nas horas em que desesperava de tudo, o Deus da prece vinha em seu auxilio, ora por intermedio d'uma familia de boa gente que o arrancava a si e aos seus ao terror do frio e da fome, ora por intermedio d'um parcho d'aldeia que, commovido pelo Rosario e pelas preces, o arrancava aos rigores e ás ameaças dos *gendarmes*, pelo que elle se acha grato á Providencia.

Foi ainda sob a fórma d'um bom parcho que essa providencia veio em seu auxilio n'um encontro que, com o tempo, devia ser a causa de recuperar a saude.

Uma noite em Blandy (Sena-e-Marne) todos estavam tristes na pobre carroça; o dia tinha sido mau, não havia dinheiro nem pão para dar de comer aos queridos esfomeados. Então recor-

reu-se ao grande remedio: pozeram-se a recitar em familia e em alta voz o Rosario.

Tinham apenas acabado, quando um ruido se fez ouvir fóra da carroça: é alguém que bate; a mulher abre a portinhola e alguém lhe entrega dinheiro. Era o parcho da localidade que, passando por ali e ouvindo a prece, tinha escutado e tinha-se impressionado. Depois de ter entregado esse primeiro obulo, desapareceu, voltando pouco depois com pão e vinho.

No dia seguinte o parcho ampliava as suas relações com esta pobre gente e conseguiu obter os meios de fazel-a sair da miseria. Mais tarde preparou para a communhão o mais velho dos filhos de Aubert e collocou-o em casa do abbade Roussel. Não contente em se interessar por elles, interessou tambem pela sua sorte uma das suas parochianas, que poz á disposição d'essa familia uma pequena casa rodeada d'um jardimzinho, situada em Bordeaux-Roche (Loiret). Era um abrigo estavel, a vida e o trabalho quasi assegurados, a salvação durante tanto tempo esperada.

—«Meu bemfeitor! minha bemfeitora!» Aubert gosta de repetir estas palavras e sente então o coração trasbordar de reconhecimento.

Esse bemfeitor e essa bemfeitora quizeram acabar a sua obra de salvalimento pedindo a Nossa Senhora de Lourdes o que elles não podiam dar, sem o que todos os esforços da sua caridade ficariam, em grande parte, paralyzados: a recuperação da vista para o chefe da familia. Pediram e obtiveram um bilhete para a peregrinação nacional, no comboio de Orléans, e fizeram-no admittir n'um hospital. Seguindo a recommendação que lhe tinha sido feita, mandou verificar o seu estado por um medico, que depois de lhe ter examinado o olho esquerdo (o direito já não existia, por assim dizer) lhe entregou uma certidão attestando que estava soffrendo uma «cegueira completa». N'esse ponto da narrativa perguntei a Aubert: «Mas, durante a viagem e aqui, para ir e vir, para dirigir-se á Gruta, etc., quem o acompanhava?» Elle então indicou um homem meio assentado, meio deitado sobre um colchão visinho do seu, e que, desde o principio, seguia a conversação estudando sobre a minha physionomia os vestigios das minhas impressões. Era um doente atacado de paralyisia parcial, que o obrigava a usar muletas. E esta fraternidade do cego e do paralytico não me pareceu o episodio menos tocante d'essa cura. «Foi elle, disse-me Aubert, que desde Orléans a Lourdes me prestou todos os serviços de que eu necessitava e que esta manhã, quando eu

estava ainda cego, me conduziu á Gruta». E o paralytico fez com a cabeça um gesto affirmativo.

Estamos a 21 de agosto, entre as 8 e as 9 horas da manhã, diante da Gruta.

No interior da Gruta celebram-se as missas ha duas ou tres horas: um Padre está ainda no altar, enquanto proximo da grade um outro Padre distribue a santa communhão. Aubert acaba de commungar n'uma d'essas missas. Terminada a acção de graças, querendo prolongar a sua prece, convida o seu guia, o paralytico, a voltar sem elle.

«Encontrarei, lhe disse elle, alguém que me conduza». O paralytico retirou-se.

Então, para tornar a sua prece mais efficaz, apoiada pela mortificação e pelo sacrificio, o cego ajoelha sobre o seu bordão, um bordão cheio de nós, que elle conserva sob os joelhos enquanto o pôde supportar; e absorve-se na prece, uma prece ardente e profunda á Santissima Virgem.

Repentinamente sente que alguma coisa se passa, e que não pôde falar com uma precisão perfeita. Deixou o bordão, ou está ainda de joelhos? Não o sabe. Parece-lhe que sonha, que tem uma nuvem deante dos olhos e que, atravez essa nuvem, a Santissima Virgem lhe apparece. Parece-lhe, á primeira vista, que qualquer coisa lhe toca no rosto, e pergunta a si mesmo se não é um extase.

Mas a Virgem torna-se cada vez mais nitida: é a Virgem do rochedo. Dirige-se para ella (disseram-lhe depois, porque elle não se lembra d'isso). Uma senhora que sabia que elle estava cego, detem-no, dizendo-lhe: «Tome cuidado; vae cair e magoar-se nos bancos.»

Então volta-se para a direita e para a esquerda, olhando com admiração estupefacta tudo o que o rodeia, que ao principio lhe toca quasi os olhos, e depois mais distante. «Não sabia onde estava, disse elle; via arvores, prados, montanhas, egrejas, uma ribeira, e não comprehendia nada. Emtim, tudo isso se torna mais comprehensivel, e elle sae, por assim dizer, do seu sonho, encontrando-se á margem do Gave, rodeado de individuos que o interrogam, que o acclamam, que pedem e que cantam, enquanto ondas de lagrimas brotam de seus olhos, do morto e do resuscitado: acabava de comprehender que já não estava cego».

No *Abrigo dos peregrinos*, os seus companheiros de sala rompem em gritos de surpresa, que fazem de novo brotar lagrimas de commoção e de reconhecimento sobre o rosto onde tinha corrido tantas ontras. O paralytico so-

bretudo, que o acabava de deixar ainda cego pouco tempo antes, estava estupefacto. Na tarde d'esse proprio dia, á hora em que Aubert me fazia essa narrativa, o caritativo visinho de leito não sabia senão repetir o seu gesto de cabeça affirmativo: via-se bem que elle não estava ainda completamente restabelecido do seu assombro.

Uma palavra só para terminar. E' de Aubert; e apesar de eu não a ter ouvido da sua bocca, está assás em harmonia com tudo o que vi e d'elle ouvi para deixar de ser exacta. Fazendo-lhe alguém notar que o conservar-se ajoelhado sobre o bordão devia ser muito penoso, respondeu:

—Não devemos procurar a commodidade; é pela dôr que alcançamos o que desejamos.

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 226)

CCXCI

P. Antonio Ambrogi

COMO indica o sobrenome d'este sabio religioso da Companhia de Jesus, nasceu elle na Italia, na cidade de Florença, a 13 de junho de 1713. Os seus piedosos paes lhe deram o nome de Antonio, por ser aquelle dia consagrado ao grande thaumaturgo portuguez, tão celebrado na Italia, não menos que em nosso reino.

Abraçando o instituto de Santo Ignacio, Antonio Ambrogi foi um religioso perfeito, e, além d'isso, um sabio consummado. Distinguiu-se principalmente na eloquencia do pulpito e na poesia.

Durante 30 annos occupou em Roma a cadeira de litteratura com applauso geral. Toda a mocidade italiana corria com emulação a ouvir as suas lições, admirando todos a sua sciencia profunda e a amavel facilidade com que exercia o professorado.

O P. Antonio Ambrogi é considerado como um dos melhores litteratos da Italia no seculo XVIII, entre os mais afamados jesuitas.

Sobreviveu á extincção da sua Ordem, morrendo em Roma no anno de 1788. Era citado como uma das glorias da illustre sociedade extincta a que pertencera.

Deixou este jesuita, como fructo do seu estudo e bom gosto, muitas obras, sobresaindo as suas poesias e varias traducções d'alguns classicos latinos, de Cicero, Virgilio, etc. A versão, que elle fez d'este epico latino, gosou de grande reputação.

O P. Ambrogi foi por muito tempo guarda do celebre gabinete de Kircher, fundado pelo sabio jesuita Athanasio Kircher, e fez d'elle uma descripção em latim. Consta de dous volumes in folio, muito estimados.

CCXCII

P. Paulo Belli

Este jesuita é conhecido como autor de obras asceticas ou de livros de piedade, gosando de grande estimação perante o Papa Innocencio X, que era seu parente.

Paulo Belli nasceu em Messina (no reino de Duas Sicilias, hoje Italia, depois da usurpação piemontez) nos fins do seculo XVI. Na idade de 15 annos entrou na Companhia de Jesus, onde exerceu diversos cargos. Foi um bom religioso, de caracter amavel, muito illustrado, especialmente na theologia mystica.

Falleceu piamente na sua patria a 15 de janeiro de 1658.

As suas obras, que são quasi todas em latim, versam sobre assumptos de piedade. E' notavel o que elle escreveu em louvor da Virgem Santissima Mãe de Deus.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christá

2.ª PARTE

III

Deus Redemptor

No p'raiso, Senhor, como offendido,
Aos nossos paes primeiros visitando,
E, tanto hein por elles já perdido,
Para sempre n'ali fóra os lançando,
Vendo que n'is estão, lhes daes vestido,
E, contrictos, a culpa perdoando,
Appareceis, Senhor, tomando conta
Do pobre ingrato, que vos fez a affronta.

Do justo Abel vingando sangue e vida,
Fazendo caminhar maldito, errante
O mais velho, perverso fraticida,
Que, onde chega, lhe dizem: passa avante:
Sem familia, sem patria, sem guarida,
Sempre a gemer, e sem gemer bastante:
E o nome do innocente trucidado
Fazendo seja em todo o lar louvado.

Salvando com Noé da pobre gente
Ingrata, corrompida, peccadora
A estirpe, que creastes esplendente,
Na nau aquella firme nadadora,
Que, sem remos, nem quilha, vae na frente,
E de todas as outras norma fóra;
E eu tanto que feliz aquella nada
Os povos todos vão em derrocada.

Dos patriarchas na vida immaculada
Os seus passos guiando providente,
E tornando de todos respeitada
A sua voz de paes do povo crente,
Nos colloquios com vósco amestrada,
E tão tosa, tão culta e eloquente,
Que na oração viviam venturosos,
E os echos seus ao céu levavam gosos.

Dos proph-tas, Senhor, na humana mente
A graça derramando, que illum na
E faz que o cego venha a ser vidente,
E veja dos futuros na neblina
Um sol, que surge limpo, ridente,
Ou negra nuvem, que o porvir malsina:
(E faz que falle linguagem eloquente),
Que convence, consola e aleventa,
Mais que o poeta, que feliz vos canta.

E mais ainda no sorrir da aurora
Do desejado venturoso dia,
Que vosso povo marecer implora,
Quando já triste seus destinos via
Nas mãos de Roma, que outro Deus adora:
E vé na Virgem singular, Maria,
Que surge de Jacob a rica estrella,
Tosa de Gericó perenne e bella.

Onde primeiro vosso ser se occulta
Na vossa encarnação, que veneranda
Entre os myst-rios mysteriosa avulta,
E a nossa gratidão viva demanda.
Depois na infancia e na idade adulta,
Em que em mysterios de bondades anda
Humilde e generosa merecendo
O perdão, para réo o mais horrendo.

E vos vemos, Senhor, na infancia bella
Espalhando delicias e ternuras,
Por entre o fumo da fatal procella
Do peccado, fecundo em amarguras,
Que ao carro das ignominias nos atrela
Com infames, eternas ataduras,
Que em vós sómente ha amor bastante,
P'ra d'esse nó vir-vos soltar amante.

E nasceis extra-muros da cidade,
De ricos ambiciosos desprezado;
Porque vindes mostrar nos na humildade
Remedio, p'ra soberba do peccado
Da pobre desgraçada humanidade,
Que contra vós, Senhor, se ha revelado:
Mas vos cantam os anjos mil amores,
E sabios vos adoram e pastores.

Herodes ambicioso vos perssegue:
Mas o deixaes, sem saber, burlado,
E sem mais ter depois por onde p-gue
O louco intento do barbero malvado,
Que enfermo e triste na impietade segue,
Mesmo quando deveras castigado.
E vossa singular soberania
O egypcio nos seus templos já sentia.

Herodes succumbiu, seus conselheiros
Tambem lá vão, e vos tornaes ridente,
Buscando descobrir lindos outheiros,
E as ternuras sentir, que a infancia sente
Nos logares sympathicos, fagueiros
Da patria, que nos deu seu rico ambiente,
No alvorecer formoso d'esta vida,
Aos destinos da patria sempre unida.

Mes em Nazareth os esplendores
Occultar d'essa infancia prodigiosa,
Humilde nos sympathicos labores,
Em que um artista trabalhando gosa
E mistura sorrisos e suores
Na profissão honrada e laboriosa,
E levantastes ao trabalho um templo,
E de bellas virtudes daes exemplo.



SANTA HEDWIGES, VIUVA

Assim, a juventude, e annos bellos
Tambem da idade adulta, trabalhando,
Passastes com suor n'esses cabellos,
Em profundos mysterios meditando,
Gravando mais e mais os santos sellos
Da humildade do amor sublime e brando,
Com que vindes ganhar o amor das almas,
Dos vossos triumphos as formosas palmas.

E jejuastes depois ao dar inicio
A' vida de prodigios estupendos,
Da exte na tentação, gran e cilicio,
Despresando seus calculos horrendos,
E um exemplo deixando-nos proprio,
Calcastes os poderes mais tremendos.
E prégastes depois do ceu a sciencia,
Prestando-nos a flux benefi eencia.

E cegos, entrevados e leprosos,
Energuimenos, mudos vós curastes,
E a favor dos pobres desditosos
O coração dos ricos preparastes,
E da honra primitiva nos guindastes
Puzestes da mulher os nobres gosos,
E da viuva, do orphão e do menino
Elevastes as honras e o destino.

Fostes mestre do s: brios e ignorantes,
De princezas, fidalgas, tristes ellas
Santo consolador, qual nunca amantes
Tiveram as mais nobres e mais bellas,
Sem que digaes depois o que eram antes
As que vieram a ser lindas estrellas:
Melhorando com graça sob rana
Gentia, de Sião, samaritana.

Escolheste discipulos amantes
Muito pobres, humildes pescadores,
Que vieram a ser os mais prestantes
Eloquentes e sabios prégadores,
Que a povos lá levaram mui distantes
Da vossa santa fé os esplendores.
Com a graça depois favorecidos
Deixaram os mais sabios confundidos.

E preparado, p'ra morrer d'amores,
Preparastes tambem o testamento
Em prol dos desgraçados peccadores,
Ficando para serdes alimento
E vida dos cansados nos labores
Da tentação, virtude e soffrimento:
E vos destes depois em sacrificio,
Por ver p'ra nós o ceu proprio.

E triumphante da morte e do inimigo
Da nossa salvação encarnigado,
Deixastes os horrores do juizo,
Omnipotente Deus resuscitado,
E na immortalidade, sem perigo,
Sempre das nossas armas namorado,
Vivendo, não, deixastes, Pae amante,
De serdes, para nós, nem um instante.

E vos deixastes mais quarenta dias
Estar dos homens bons na convivencia,
Deixando nos das eternas alegrias
Recursos, p'ra vivermos na opulencia,
E solemnes, graciosas garantias
Do triumpho, de Satan na competencia,
Com o uso dos santos sacramentos,
De vida celestial emolumentos.

E vos viram sympathicas centenas
De sinceros amigos mui ditosos
Subir do vosso grão poder nas penas
Gosando inflados e celestes gosos,
Triumphante e livre de soffrer mais penas,
Lado os pal cios occupar gloriosos,
Onde a gloria mostraes mais esplendente,
Como absoluto Deus omnipotente.

E mandastes o Espirito divino
P'ra illustrar dos discipulos a mente,
E dar-lhes a sentir do amor divino
A mais serena, rica e bella enchenta,
Que se os leva deveres do destino
A preencherem segura e docemente,
E continuas no ceu e nos altares
Dadivas d'amor dando singulares.

Quem em vós não verá um Deus clemente,
Do peccado peccador comp decido
E uni-o p'ra salvar-nos competent,
Que elle mesmo reunir nos ha querido?
Homem e Deus Jesus conjunctamente
Tem, homem generoso, p. decido,
Mereco como Deus, e sem medida,
A nossa redempção e eterna vi a.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGATA.

VINTE E UM SONETOS

VIII

Senhor! Senhor!... escutae a oração
D'um peito tão afflictio e humilhado;
Abri, ó Deus d'amor, crucificado,
O vosso compassivo coração.

O' Deus! valei-me; tende compaixão
E ouve attento o meu spontaneo brado.
E p'ra que beije a chaga do teu lado,
Auxilla-me e dá-me a tua mão.

Eu quero, para Ti, ser um bom filho;
Dos teus ensinamentos, fiel caudilho,
Guardar, quanto puder, os teus preceitos,

Mas para usufruir o meu desejo
Preciso que me guies, pois não vejo
Sem Ti, nossos anhelos satisfeitos.

IX

Olhae! olhae! não vedes acolá
No pincaro do monte aquella cruz?
E n'ella não fitaes um corpo exangue
O corpo moribundo de Jesus?

Olhae! Não vedes pois como de lá
Nos vem divina, terna, e doce luz?
Que cada burbolhão d'aquelle sangue
Nos anima, conforta, nos seduz?

E lá morre Jesus, como um ladrão.
Dizei-me se ha em toda a humanidade
Um tão divino e magno coração!

Ali, ha um exemplo d'humildade;
Ali, ha um ensino do perdão,
Um acto heroico, ha, de caridade.

J. P. MINZIRO.

A mulher

*Donzella que sabe amar
Nunca fica por casar.*

QUE hoje vamos apresentar sobre a mais bella e a mais encantadora necessidade da criação terrestre, é tendente a prevenir a mocidade inexperienced contra as banaes opiniões d'al-

guns homens de nome, que em todos os tempos tanto teem fulgado de infamar a mulher, a unica luz fulgurante do lar domestico, que o homem,—sempre torpe e sempre altivo,—sem olhar para os seus grandes defeitos, não cessa de offuscar e prostituir... para pouco depois lhe chamar torpe e vil!

Vamos ao assumpto.

Diz *Milton*, que a mulher é um defeito bonito da natureza; *Hypocrates*, que a maldade é innata n'ellas; *Dupuy*, que o amor proprio as faz commetter mais loucuras, do que o amor propriamente dito; *Houssaye*, que a mulher é sempre um anjo, mas só depois do diabo a ter levado; *Plessis Chamant*, que quando uma mulher nos diz: «Se me não amas, morro», se esquece de accrescentar: «por outro»; *Byron*, que ellas mentem com tanta graça, que nada lhes vae tão bem como a mentira; *Salomão*, que o marido da mais prudente e virtuosa das mulheres, é sempre mais infeliz do que aquelle que a não tem; *Schiller*, que a *mulher livre* é como um barco sem piloto á mercê das ondas; *Byron*, que conhecera um marido ausente que era *enganado* quatro vezes por dia (!); *Cyro*, que quem pretende dirigir mulheres, quer endoidecer; *Propiac*, que se os amantes se não chegam a apaixonar, é porque as mulheres lhes não dão tempo para isso; *Stahl*, que a tristeza d'algumas é uma taboleta aonde se lê: «Aqui faltam consoladores»; *Rousseau*, que ellas não foram feitas para correr; que quando fogem é para se deixarem apanhar; *Fontenelle*, que uma mulher bonita é o paraizo dos olhos, o inferno da alma, e o purgatorio da bolsa; *Caron*, que por muito perfeita que uma mulher seja, sempre tem um pedacinho do diabo no corpo; *Victor Hugo*, que ella é um demonio muito aperfeiçoado; *Demosthenes*, que o que um homem pensou durante um anno, lh'o transtorna a mulher n'um dia; *Rochevoucauld*, que a maior parte das mulheres honestas são thesoiros escondidos... pôr não haver quem os procure; *Euripides*, que se foi Deus quem inventou a mulher, sabia que n'ella fabricou o maior mal do homem (!); *Prince Ligne*, que em amor só o começar tem graça, e que por isso as mulheres começam tanta vez (!); *P. Chamant*, que ellas só se entregam a Deus quando o diabo já as não quer; *Karr*, que se os homens soubessem o que as mulheres pensam d'elles, seriam vinte vezes mais impertinentes,—e cem menos perfidos, deveria ter accrescentado,—e que se as mulheres soubessem o que os homens pensam d'ellas, seriam mil vezes mais garridas,—e outras tantas menos tolas, deveria *Karr* tambem ter dito—; *Pa-*

dre José Agostinho de Macedo, que ronque (o homem) com o porco, viva com o lobo, ruja com o leão, rinche com o cavallo, ladre com o cão, mas fuja sempre da bocca e das unhas da mulher, que é o mais nocivo de todos os bichos (!).

Como estes ditos... tão aviltantes como desmoralisadores, quadram bem a essa immensa praga de *idolatrás de Venus e Volupia*, que hoje... sem crença, sem Deus, sem nada, por toda a parte ullula impune! Como estas sordidas banalidades ultrajantes, até certo ponto auctorizadas, animam á obra destruidora do principe das trevas, que é a ruína do grande edificio moral até aos alicerces, para que Satan, por um momento victorioso, melhor possa imperar ao tetrico clarão d'um novo paganismo que, de torpeza em torpeza, acabará dentro em pouco por destruir-se a ferro e fogo, cahindo em seguida,—ao grito horrisono d'um diterio de extermínio,—as suas *reliquias d'infame e triste memoria*, já sem força nem voluptuosidades, mas sempre impenitentes, na parte mais atroz e funda das fumentas espeluncas do Deus Plutão, talvez para depois ser fundido um outro Adão em molde d'aço, pela eterna sabedoria de Jehovah!

Mas porque não ha-de a mulher tambem, ainda que mais delicadamente, responder aos duros ultrages de seus eternos detractores? E' justo que a fada não emudeça de todo, e por isso oiçamos.

M.^{me} d'Arcouville, que diz que os homens só as sabem conduzir por maus caminhos para depois lhes condemnarem o procedimento; M.^{me} d'Epinay, que quando elles dizem mal d'algum outro, se deviam pôr no seu logar, e depois veriam; M.^{me} d'Arcouville, (n'outro logar) que elles gostam mais que os admirarem, do que os amem, porque a admiração lhes satisfaz o amor proprio que todos teem, ao passo que a amizade é um objecto de sentimento que poucos possuem.

E, corroborando estes pensamentos, transcreveremos jágora mais dois, um de A. Karr, que diz: «O' mulheres, desconfiae sempre das declarações e respeito da maior parte dos homens. A mulher prudente, ou não prudente, mas queremos suppor que o seja,—quando vir um homem a seus pés, fará bem de não esquecer que foi esta a posição que *Jacques Clement* achou mais commoda para apunhalar Henrique III de França»; outro de C. Castello Branco que, depois de ter fallado em *Napoleão I*, *D. João Tenorio*, *Luiz XIV*, *de refugio*, *camaristas-lançarotes*, etc. etc., um embroglio de mil diabos, conclue: «Por sua parte os sapateiros, convictos da igualdade do homem pe-

rante a mulher, fizeram-se também califas de sultanas sopeiras, immolando á sua intemperança de amores o decóro das cosinhas e a perfeição dos croquettes.»

«Está pois derrancado o masculino, termina o grande romancista, desde o throno até á tripeça. E' o que é».

E o que é é que é, accrescentamos nós; mas jágora oiçamos também o snr. Castilho que nos vae descrever a graça do Eden:

«Reuniu Deus para compôr a mulher—remate, corôa e epilogo da criação—a quinta essencia de tudo quanto derramara de melhor no paraizo onde a collocou e do qual, ainda depois de perdido, as descendentes de Eva ficaram avivando recordações, Quiz elle, o Supremo Factor, fundir-lhe o espirito brilhante e suave d'um raio d'oiro do sol e d'um raio prateado da lua. Deulhe a pureza da cecem, a alvura do lyrio, o pudor e a graça da rosa, a modestia da violeta: accendeu-lhe no olhar brilho de estrellas; descerrou-lhe auro-ras de carmin e perolas nos sorrisos; para fallar concentrando todas as melodias balbuciadas no fremito das viações, no murmurio das fontes, e nos canticos das aves; modelou-lhe a estatura pela dos arbustos mais esbeltos e mimosos; arredondou-lhe as fôrmas, que lembrassem os fructos mais gentis e apeteçidos; diffundi-lhe os cabellos como as ramas pendentes e movediças do salgueiro aquatico; impregnou-lh'os de electricidade, embebeu-os d'um aroma que falla, revestiu-os de brillantismo; tão esmerado e prodigo os dotou, que o oiro e as perolas, as pedrarias e os perfumes, as sedas e as flôres, ambicionando realçal-os, recebem d'elles novo preço.

«Este ente, meio positivo, meio aereo, meio terrestre, meio céu, que volteia por entre vós como anjo desterrado, saudoso, mas contente, tendo por falla um canto, a sugestão e a humildade por imperio; em que a graça é graça, e a graça omnipotencia; cujo encargo é mais que eternisar a especie, é entretel-a, domestical-a, afinar-lhe o gosto, os instinctos do bello, os ar-rojos para o bom e para o sublime; a mulher em summa, fadada d'alguma sorte a ser mãe e mestra, guia, arrimo, lampada, conselheira, prophetiza, esforçadora, modelo e premio, não só de seus filhos, mas de seus irmãos também, de seu consorte, de seu proprio pae, de todos que de perto ou de longe lhe pudessem receber directas ou reflexas as influências; a mulher,—da qual, depois de tantos mil volumes de panegyrico, depois d'uma idolatria universal de seis mil annos, ainda se não exauriram os louvores, nem já-mais se hão-de exaurir,—não seria a vice-providencia, que devia ser, e que

é no meio da sociedade, se não possuísse este complexo ineffavel de seducção para toda a especie de indoles, de espiritos, de gostos, um laço infallivel para cada sentido: um milagre para cada incredulidade; para cada infortunio, seu balsamo; para cada idade, seu ramalhete; sua estrella, para cada noite; mão inesperada e macia, para cada desamparo; para cada fronte que se despedaçaria ao cair, a almofada subita d'um braço todo extremos, d'um seio todo suspiros, d'um coração todo divindade».

E disse. Que vos parece, más linguas?... E' esta a melhor descripção da mulher-anjo que até hoje temos visto; porque, ao passo que exalta e honra as relativamente poucas que sem favor o merecem, humilha, despeita, e como que excita as outras ao merito... na sabia pintura do que todas deveriam ser. Mas pensando maduramente sobre quanto se tem dito da mulher, vemos que todos teem exaggerado muito; porque ella não é um *anjo do céu*, como diz Castilho, nem um *demonio do inferno*, como praguejam Victor Hugo, Stahl, Karr, Rochefoucauld, Caron, Rousseau, e tantos outros que, *momentaneamente doidos por ellas*, tanto teem concorrido e concorrem para o seu descredito e para a sua prostituição, o que constituiria uma tristissima vergonha universal, se n'um terço da humanidade ainda houvesse algum vislumbre de pundonor, ou pelo menos de bom senso!...

Mas como vinhamos dizendo, a mulher não é um anjo nem um demonio: é o que é; mas bem pudera ser 70 % do que diz Castilho se, compenetrando-se inteiramente dos deveres dos seus tres estados, não fosse uma eterna louca incorregivel que, confiando sempre nas falsas promessas de toda a sorte de doidivanas, se vê ludibriada, prostituida e despresada por aquelle a quem confiara os segredos do seu coração e dera a flôr dos seus primeiros affectos!

Não ha homem rigorosamente impecavel, bem o sabemos; mas «do mal o menos»: E no meio d'um tal *Evohe*, não faria pouco *aquelle que ao menos soubesse guardar as conveniencias e evitar o escandalo, bagatellas a que hoje poucos dão importancia*.

A mulher está demasiadamente... lasciva; mas o homem é o mais culpado, e é o mais culpado, porque a arrasta á maior degradação moral, para depois, como diz M.^{me} d'Arcouville, lhe lançar em rosto as *fraquezas* que, a troco d'um pouco mais de nada, ou de qualquer promessa fementida, o que hoje, *attendendo á commodidade*, está mais em moda, lhe fez commetter.

Tanto n'ellas como n'elles, ha muita imperfeição, mas não pudemos deixar de significar que:

O maior defeito da mulher é ser uma simploria que não sabe amar negando e sorrindo, para ser desejada; e o do homem é ser um refinado velhaco, que não sabe amar sem po luir... para não abandonar.

Soubesse a graça amar, e tudo lhe iria bem porque

O grande mal da mulher
Não vem do rir attrahente,
Mas do ser para qualquer
Toda amor... cond'scendente.

Ainda não ha muito que uma victima dos seus 18 gemia: «Tinha eu 13 annos quando um 2.^o tenente da armada me arrancou do convento de... E tendo cohabitado com elle 17 mezes e dias, esperando sempre em vão pelo cumprimento da sua palavra, fui uma tarde posta na rua... a pretexto d'uma viagem! Infame!

«Desde então, concluiu a pobre soluçando lacrimosa, sem pratica d'este lindo abysmo de torpezas a que chamam Lisboa, de decepção em decepção, tenho querido ser boa, mas desgraçadamente não tenho achado com quem!»

Pobre criança, fazia pena ouvi-la! E como esta ha muitas, porque a maior parte dos homens são uns barbaros sem alma nem coração, se bem que

A mulher é a razão
D haver tanto so teirão.

Mas ainda assim é pena que o anjo do paraizo terreal, a graça do lar, talvez mais breve do que se pensa, venha a soffrer, como n'outras eras, as duras consequencias das suas loucas *facilidades* em materia d'amor, porque:

Attendendo ás diversas alternativas, tendentes ao assumpto, porque a mulher da antiguidade passou, tendo o homem entre alguns povos chegado a não confiar d'ella mais que o valor correspondente a 240 réis pela nossa moeda, e entre outros, como nas cinco cidades infames, a não fazer caso d'ella para nada;

Considerando as inacreditaveis devassidões da antiga Roma, as corrupções de Jerusalem, apesar dos seus grandes prophetas,—as torpezas de Babylonia, as dissoluções da soberba Tyro, etc. etc.;

Attendendo a que as actuaes cidades mais populosas de todos os paizes estão corrompidas até á medula dos ossos;

Considerando ainda em particular, por mais conhecidas, que Londres é uma devassa, Paris uma prostituta, Madrid uma rameira, Lisboa uma corrupta;

Attendendo, finalmente, a que a mulher hodierna tem uma escancarada tendencia para a lascivia desordenada, e a que a depravação do homem de mau

gosto e peor criterio a arrasta e leva a tudo, receamos muito que a pobre, já bastante desconceituada para esposa casta e digna, se arremece ao seu velho abysmo de escravidão e torpeza, d'onde só Christo a ponde arrancar, porque ao canino desbrago... succede quasi sempre o total aborrecimento!

Oxalá que a hyperbole nos illuda; mas, se a mulher se não segura, e o homem se não modera, um sordido paganismo de mãos dadas com toda a sorte de crimes, dos quaes as mortes de Carnot, Canovas, João Borda e outros, são apenas uma ligeira amostra, nos está batendo á porta!

E nem era de esperar outra coisa, porque, aonde falta a crença religiosa, alguma coisa ha-de substitui-la. E como os *sabios d'agora embirram com velharias e não querem fanatismos*, ali teem n'ó *assassinato, a destruição, o vandalismo* em summa, não fallando na *desordenada concupiscencia* que, ainda que o não pareça, para isso muito concorre, que pouco e pouco vão retomando o seu logar... em harmonia com os *bellos ensinamentos* d'aquelles que, tendo desmoralisado tudo, um dia hão-de ser victimas de seus *dignos discipulos* á 1793, para que das suas cinzas se alevantem talvez Tiberios d'aço temperado e Neros de ferro fundido, cuja voz de trovão, retumbando pelo concavo dos valles, fará tremer o mundo, e cujo olhar ameaçador, petrificando o homem, o fará retrogradar ao estado selvagem dos primeiros tempos!

Temos dito. E' isto o que atravez d'uma especie de nebrinas atro-avermelhadas, se nos affigura ver não já muito longe; porque, tendo apascentado a cançada vista por esse globo de Cêres e Neptuno além, não descobrimos mais que miserias e fraquezas, vergonhas e torpezas!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

OFFERECIDA pelo benemerito editor catholico do Porto, snr. Antonio Dourado, recebemos a primeira caderneta do *Catecismo de Perseverança* ou exposição historica, dogmatica, moral, liturgica, apologetica, philosophica e social da religião desde a origem do mundo até nossos dias pelo Padre J. Gaume. E' traduzido pelo rev.^{mo} Padre Henrique da Silva Barbosa e revisto por um erudito professor do Seminario do Porto. Além d'isso, é approvedo o recommendado pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} snr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto.

E' tão conhecido este apreciabilissimo *Catecismo* que recommendal-o é super-

fluo. E' indispensavel a todos: Padres e leigos, eruditos e ignorantes, novos e velhos, homens e senhoras. N'elle ha muito que aprender. De cada pagina que se lê, novos conhecimentos sobre a religião se adquirem.

A empreza, a que metteu hombros o snr. Antonio Dourado, é arrojada. Uma obra como esta, dispense na sua publicação contos de réis. Para a levar a cabo (e leva-a-ha, a despeito de todas as difficuldades, porque obras de maior tomo tem publicado o arrojado editor) é necessario que o publico o auxilie. Assignando a obra, os nossos leitores não só adquirem um excellente livro, mas cooperam para a publicação d'uma obra que deve produzir grandes fructos espirituaes.

Cada fasciculo de 30 paginas grandes custa 100 réis, francos de porte. Assigna-se em casa do editor, rua dos Martyres da Liberdade, 165-Porto.

—Está em via de publicação, já em provas, o *Hymno das Promessas do Sagrado Coração de Jesus*, partitura completa, brilhante, para grande orchestra, e para banda marcial; composta expressamente para o apostolado da oração em Portugal e offerecida ao R. P. Bento Rodrigues, ex-director central do mesmo Apostolado pelo maestro R. P. Alexandre Martinez, S. J., auctor do hymno nacional da Colombia e comissionado pelo governo d'esta republica para compôr o curso de harmonia destinado ao conservatorio da capital.

Se na *pequena partitura* para piano e canto teve o auctor tão feliz inspiração e originalidade que proporcionou «delicias ás pianistas catholicas,» aos que ouvirem cantar as promessas com acompanhamento de toda a orchestra está porém reservada uma agradável surpresa!

Na *grande partitura de orchestra*, além do canto—religioso, singelo, variado, melodioso e facil para o ouvido—o acompanhamento de órgão é completo, brillantissimo! E tem uma «instrumentação de mestre,» na phrase d'um insigne professor—a flauta, o clarinete, a trompa, o cornetim, a 1.^a e 2.^a rebecas, o violoncello, a violeta, o rabecão, etc.

Preço da grande partitura de orchestra, por assignatura, 1 ex. 600 réis—2 ex. 1\$100; 3 ex. 1\$500 réis.

Aos snrs. assignantes não se requer o pagamento dos exemplares que subcreverem senão depois de avisados que está concluida a publicação. Se as assignaturas forem em tal numero que se possa augmentar a tiragem calculada, os snrs. assignantes terão um bonus ou desconto equitativo. Todavia, para as pessoas que não subcreverem anticipadamente, o preço será depois elevado a 800 réis cada exemplar.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Os judeus sacrificam aos idolos

(Vid. pag. 235)

O TITULO que leva a gravura diz o que ella representa sem serem necessarias mais explicações: os judeus entregam-se ao mister de sacrificar aos idolos.

*

* *

Santa Hedwiges, viuva

(Vid. pag. 241)

Santa Hedwiges, muito mais illustre pelo esplendor da virtude do que pela nobreza do sangue, foi filha do principe Bertholdo, duque de Carinthia, marquez de Moravia, e conde de Tyrol; e de Ignez, filha de Rotleack, marquez do sacro imperio. Teve quatro irmãos e tres irmãs: Ignez, a mais velha, casada com Philippe Augusto, rei de França; a segunda com André, rei da Hungria, a qual foi mãe de Santa Isabel; a terceira consagrou-se a Deus em religião, e foi abbadessa de Lutzing na Franconia.

Nasceu Hedwiges pelos fins do duodecimo seculo, dotando-a Deus de tão feliz natural e de um tal conjuncto de prendas, que não parecia poder haver princeza mais completa.

Sendo ainda menina dispuzeram seus paes que entrasse no mosteiro de benedictinas de Lutzing para sua melhor educação; mas as freiras encontraram n'ella mais assumpto de admiração, do que necessidade de cultivo, ou materia para ensino. Eram todas as delicias da santa menina passar largos espaços na egreja, ou então de joelhos deante de uma imagem da Santissima Virgem; e posto ser mui inclinada á leitura, só achava gosto na dos livros espirituaes.

Contava apenas doze annos, quando a casaram com o principe Henrique, duque da Silesia e da Polonia: no novo estado mostrou novas virtudes.

Logo que appareceu na corte, declarou-se pela piedade; longe da contemporisar com o espirito do mundo, que tanto alli reina, nunca reconheceu outras leis que as da religião, nem outro merito que o da verdadeira virtude, de maneira que faziam mal a corte á princeza os que se jactavam de mundanos.

Julgou, e julgou acertadamente a princeza que o meio mais efficaz para effectuar a propria salvação, era cuidar com o maior desvelo da christã educação de seus filhos, considerando esta como a principal obrigação do seu estado. Concedeu-lhe o céo tres filhos e

tres filhas: os primeiros foram Henrique, Boleslau e Conrado; as segundas Ignez, Sophia e Gertrudes. Durante a gestação, uma de suas devoções particulares era ler livros devotos, e exercitar-se em obras de misericórdia; sendo uma de suas máximas que a maior elevação do nascimento correspondia maior elevação de virtudes, e que as pessoas que mais sobresaliam ás outras, estavam mais estreitamente obrigadas a dar bons exemplos.

Depois de ter tido o sexto filho, soube persuadir o duque seu marido a que ambos passassem o resto da vida em continência, e de facto os dois esposos fizeram secretamente este voto em mãos do seu Bispo. Desde este dia, o duque e a duquesa fizeram portentosos progressos no caminho da perfeição.

Sentiu Hedwiges seu coração inflamado em incendios do amor divino, de maneira que já todos os seus desejos, ancias e suspiros eram pelo céu, considerando-se só como mãe de orphãs, viúvas e pobres. Todos os dias sustentava grande numero d'elles em seu palacio, e muitos comiam á sua meza, servidos pela propria duquesa, de sorte que era já dito commum na côrte, que a duquesa só achava allivio na visita dos pobres enfermos nos hospitaes. Levou seu marido a fundar perto de Breslau, capital da Silesia, onde os dois residiam, o grande e celebre mosteiro de Trebnitz, que a santa duquesa povoou de monjas da ordem de Cister.

O duque dotou-o ricamente; mas Hedwiges augmentou-lhe tanto as rendas, que chegavam para sustentar mil pessoas.

Eram n'elle recolhidas todas as viúvas e donzellas que quizessem consagrar-se a Deus. Logo ao principio contavam-se na comunidade muitos centenares de monjas, a cuja frente estava a princeza Gertrudes, filha da nossa santa; em breve foi aquelle famoso convento escola de perfeição e asylo da innocencia. Além d'isso fez Santa Hedwiges que n'elle fossem educadas muitas senhoras pobres e orphãs com outras donzellas de esphera inferior, dando a umas o habito, casando a outras, e a todas proporcionando meios mui opportunos para sua salvação.

Conrado, duque de Kirne ou de Cirne, entrou pelas terras do duque de Polonia, Henrique marido da nossa santa: deu-se a batalha, e n'ella ficou este ferido e prisioneiro. Sentiu vivissimamente Hedwiges este desgraçado successo, mas sem que por isso se alterasse sua tranquillidade, contentando-se com dizer aos que trouxeram tão funesta nova, que esperava em Deus vêr em breve o duque restituído á sua liberdade e são de suas feridas. Mas resistindo Conrado a pôr em liberdade o

duque da Polonia, não obstante as razoaveis condições que lhe foram propostas para o ajuste de paz, viu-se obrigado o joven Henrique, primogenito da santa e herdeiro presumptivo dos estados, a levantar um poderoso exercito, para alcançar pela força o que não tinha podido a negociação. Horrorisada a piedosissima duquesa do sangue que se ia derramar, resolveu passar ella mesma á côrte de Conrado, e expôr sua pessoa para salvar os outros. Logo que a viu em sua presença o duque de Kirne, tomado de subito terror, e esquecido d'aquella ferocia, com que se havia mostrado inflexivel, concedeu á princeza quanto lhe pediu, ajustou-se a paz e poz em liberdade o duque da Polonia. Morreu este virtuoso principe poucos dias depois; todos admiravam a constancia, a grandeza d'alma e a virtude superior da duquesa. Viu-o expirar com os olhos enxutos; mostrando as religiosas de Trebnitz sua excessiva dôr traduzindo-a em copiosas lagrimas, disse-lhes com uma santa inteireza: «Todos devemos receber com humilde obsequio, na vida e na morte, as amorosas disposições da divina Providencia.» Tres annos depois quiz tambem o Senhor mostrar a heroica constancia de Hedwiges com outra prova não menos dolorosa na morte de Henrique o Piedoso, seu filho mais velho, que morreu em uma acção contra os tartaros.

Chegou-lhe bem ao coração esta perda; mas soffreu-a com tanta resignação e serenidade, que teve poucos eguaes, mostrando quanto a duquesa estava morta para todos os movimentos desordenados da carne e do sangue. Não obstante o cuidadoso empenho que punha em occultar a suas filhas as graças extraordinarias, com que o Senhor a favorecia, e as celestiaes consolações, com que a inundava na oração, não era possivel fazel-o de todo por causa das doces lagrimas, ternos suspiros, e amorosos impetos, que a acompanhavam. Não podia reprimir as lagrimas quando se falava de Deus, nem os outros as suas, quando ella falava de Jesus Christo. Só com o ouvir pronunciar o doce nome de Maria se lhe banhava de goso o semblante. Favoreceu-a Deus com o dom dos milagres e da prophesia, prognosticando o dia de sua morte muito antes de sua ultima enfermidade; e ainda que toda a sua vida foi uma continua preparação para aquella ultima hora, redobrou de fervor quando viu que se aproximava.

Em quanto lhe durou a enfermidade de que morreu, manifestou-lhe o Senhor muitas cousas que jámais havia aprendido, nem ouvido a pessoa alguma. Quiz receber os sacramentos, quando parecia que ia convalescendo; mas breve conheceram todos que estava bem

informada da hora da morte, porque pouco depois de os haver recebido, passou tranquillamente ao descanso do Senhor no dia 15 d'outubro do anno de 1243, depois de viver por uma especie de milagre continuo quarenta annos inteiros, entregue a austerissimas penitencias, que confundem sem escusa a delicadeza e a cobardia das pessoas do mundo.

Foi enterrado seu corpo na egreja do mosteiro de Trebnitz com a pompa e solemnidade que era devida a tão santa, como respeitavel princeza, e desde logo começou a volver-se glorioso seu sepulcro pelo numero e grandeza de seus milagres. Trabalhou-se sem cessar nos processos de sua canonisação que se celebrou solemnemente no dia 15 d'outubro do anno de 1267, vinte e quatro annos depois de sua morte, pelo Papa Clemente IV; assegurase a este respeito, que quando o Papa estava celebrando missa para a canonisar, supplicara humildemente a Deus que se dignasse dar vista a certa donzella cega em prova da santidade de Hedwiges, e que no mesmo instante recobrar a vista a venturosa donzella. No anno seguinte aos 17 d'agosto foi levantado da terra seu corpo, exhalando suavissima fragrancia que encheu de admiração e de goso todos os circumstantes.

Encontraram-se consumidas todas as suas carnes, á excepção de tres dedos da mão esquerda em que tinha uma imagem da Santissima Virgem, que toda a vida trouxera consigo. Morreu com ella na mão; apertou-a com os dedos tão fortemente, que não podendo arrancar-lh'a, a enterraram tambem com ella. O Papa Innocencio XI fixou sua festa a 17 do mesmo mez.

RETROSPECTO

Um prodigio singular

A auctoridade ecclesiastica de Roma, diz um jornal hespanhol, occupa-se d'um prodigio inexplicavel, occorrido n'uma pequena egreja recentemente edificada nas margens do Tibre, em Prati di Castello.

Ha dias, durante uma festividade, uma vela pegou o fogo a uma cortina de damasco, o qual se apagou d'ahi a momentos, sem mais consequencias; causou admiração o incendio não deteriorar um quadro que representa a Virgem do Rosario que se achava no sitio onde se communicou o fogo.

No dia seguinte e no mesmo sitio, alguns fieis viram como que uma figura humana, em attitudo de orar. Deram parte do occorrido ao Reitor da

egreja, o qual o communicou ao Cardeal Vigario, que o dissuadiu do seu proposito de cobrir com cal aquella imagem, e aconselhou que a pozesse n'um quadro e que durante as festividades a tapasse com um véo.

O debuxo foi examinado por varios pintores, que viram as manchas produzidas pelas chammas, e que representam uma cabeça humana rodeada de linguas de fogo.

Ninguém até agora póde explicar tão extranho prodigio.

O retrato de Leão XIII n'uma universidade protestante

Na Universidade de Oxford, que é protestante e uma das quatro principaes da idade média, foi collocado ha dias com solemnidade o retrato de Sua Santidade Leão XIII.

Não pode dar-se maior prova do respeito que ao successor de S. Pedro consagram as communhões mais dissidentes do catholicismo.

Nada de commoções:

Chega o doutor.

—Senhora, não posso dissimular mais; seu marido está gravemente doente, e ainda que não desespero de o salvar, vele, cuide bem d'elle e, sobretudo, nada de commoções!

Veem os amigos: apertam a mão do enfermo, tomam-lhe o pulso, inquirem do seu estado.

—Isto não é nada, amigo, lhe dizem—e descem a escada, sem fazer barulho, segredando:

—Pobre homem! não tem cura.

E o doente, que comprehende alguma coisa do seu estado, não se atreve a dizer a sua esposa: Estou bastante mal.

E ninguém ousa quebrar aquelle lugubre silencio, porque só se ouve a sinistra ordem: «Sobretudo, nada de commoções!»

Chega uma visinha:

—Minha querida senhora, é já tempo de chamar um Padre.

—O que diz? Meu marido ainda não perdeu o conhecimento.

—Pois é preciso confessal-o antes que o perca.

—Porquê?

—Porque é necessario que offereça a Deus ao menos os ultimos instantes da sua vida e que faça um bom acto de contricção.

—Mas vamos matal-o!!... Se elle vê um Padre...

—O Padre traz-lhe a palavra de Deus e parece-me que palavras boas não matam...

—Mas os Sacramentos?

—Acaso julga que foram instituidos para matar enfermos?

—Não digo isso... mas, acredite-me, é melhor esperar; sim, é mais prudente.

E a cruel e imprudente mulher volta as costas á sua visita. Sobretudo nada de commoções!...

Sobrevem a agonia; embacia-se a vista do enfermo, brota o suor da sua fronte e começa o estertor. Não parecia tão grave o estado do doente; hontem experimentou algumas melhoras; nutriam-se esperanças de cura e eis como caminha tranquillamente para a morte como se estivesse a conciliar profundo somno.

Chega enfim o Padre, porque uma creada foi toda alarmada chamal-o.

—Venha depressa, snr.

E o ministro de Deus contempla o rosto cadaverico, os olhos sumidos nas orbitas e a immobildade do enfermo. Inclina-se para o moribundo.

—Ouve-me, irmão? lhe diz. Dê-me a sua mão...

Nada....

Sobre aquelle corpo hirto pronuncia uma absolvição.

Morre aquelle desgraçado; é julgado e sentenciado.

—Vá, senhora, vá descançar, e, sobretudo, nada de commoções!

Um sacrilegio reprovado e punido

Ha dias, diz o *Bulletin* da diocese de Reims, o gerente d'um talho hypophagico, á porta do qual se acha uma das raras cruzes que ainda se encontram na cidade, resolveu, no pensamento de zombaria sacrilega, fazer d'esta cruz uma annexa da sua mercadoria, e pendurou pedaços de carne dispostos de forma a mostrar as suas intenções profanadoras.

Immediatamente se produziu no bairro um movimento unanime de reprobção. Ouviram-se operarios que, diziam elles, não eram catholicos, mas censuravam em termos energicos aquella acção.

A policia fez cessar o escandalo, e, punição provavelmente mais sensivel para o culpado, a gerencia do talho foi-lhe immediatamente retirada pelo proprietario.

Convertido pelos jejuns de sua filha

«Quereis que uma alma querida volte para Deus? Soffrei por ella», dizia um Padre n'uma reunião infantil.

Uma creança de doze annos, que acabava de fazer a sua primeira communhão, achava-se presente.

A pobre creança tinha visto muitas vezes sua mãe chorar, e envergonhava-se quando, quasi todas as noites, seu pae entrava embriagado.

Uma tarde, abraçou sua mãe com effusão e disse-lhe: Minha mãe, não se afflija. Em breve o pae deixará de a fazer chorar.

E no dia seguinte, á refeição do meio

dia, a unica que reunia a familia, a pequena comeu a sopa, um bocado de pão e recusou o resto.

—Tu está doente? perguntou a mãe.

—Não, senhora.

—Então, come, disse o pae.

—Hoje não posso.

Julgaram que era um capricho e castigaram a creança deixando-a no seu mau humor.

A' noite o pae voltou embriagado como todos os dias; a filha, que estava deitada, mas não dormia, ouvia-o blasphemar, e pôz-se a chorar. Era a primeira vez que o blasphemo a fazia chorar.

No dia seguinte, como na vespera, recusou todo o alimento que não fosse pão e agua.

A mãe inquieta-se, o pae enfade-se.

—Quero que comas, disse-lhe elle encolerisado.

Não, responde a creança com firmeza, não, enquanto o pae se embriagar, fizer chorar minha mãe e proferir blasphemias; prometti a Deus, e eu quero soffrer para que elle não o puna e a minha mãe seja feliz.

O pae calou-se, abaixou a cabeça e sahiu bruscamente. A' noite entrou sosegado; a pequena ficou satisfeita, entusiasmada.

Mas o costume arrastou ainda o pae. O jejum da filha recomeçou. D'esta vez o pae não ousou dizer nada; sómente uma grossa lagrima rolou pela face, e cessou de comer; a mãe tambem chorava; só a filha estava sosegada.

O pae levantou-se e abraçando a filha disse-lhe:

—Pobre anjo; farás sempre assim?

—Sim, meu pae, até que eu morra ou que o pae se converta.

—Pois bem, minha filha, nunca mais farei chorar tua mãe!

E, graças á fé d'uma creança, aquelle homem não tornou a embriagar-se.

Barometro para todos

Nunca as indicações do barometro foram mais interessantes do que n'este periodo meteorologico, em pleno movimento. Mas, até agora nem sempre se tinha á mão um barometro.

Não temos barometro? Mas temos a natureza, e a natureza é um barometro magnifico; a questão é sabermos utilizar-nos d'elle. A predição do tempo podemos nós tel-a nas plantas, flôres, insectos e aves.

Assim, choverá:

Se a serralha da Siberia conserva a sua flôr aberta durante a noite.

Se as abelhas se affastam pouco do seu cortiço.

Se a haste do trevo se endireita.

Se as andorinhas voam rapidamente rasando o solo.

Se os carneiros e as cabras saltam e brigam.